

DOSSIÊ

O JORNALISTA E O OUTRO:

sobre os vestígios da sondagem e da escrita¹

Copyright © 2015
SBPjor / Associação
Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

REGES SCHWAAB

Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil

ANGELA ZAMIN

Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil

RESUMO - Pensar o fazer e o narrar jornalísticos como empreendimentos em singular relação com o próprio tempo e as questões intrínsecas a ele é salutar. O presente texto toma os livros escritos por jornalistas como lugar de fuga para exercitar tal compreensão. A perspectiva mais ampla é a de tensionar a relação da narrativa midiática com as questões do contemporâneo em um espaço conceitual intervalar. Aqui, nosso recorte considera o trabalho da jornalista e escritora portuguesa Alexandra Lucas Coelho em três de suas obras, *Caderno Afegão* (2009), *Viva México* (2013) e *Tahrir: os dias de revolução no Egito* (2011), explorando o que nos dizem sobre o jornalismo e seus processos de apuração e escrita do tempo e do Outro.

Palavras-chave: Narrativa. Livros de repórter. Práticas jornalísticas. Alexandra Lucas Coelho.

EL PERIODISTA Y EL OTRO: sobre los vestigios del sondeo y de la escritura

RESUMEN - Pensar la forma de hacer y de narrar periodísticamente como emprendimientos en singular relación con el propio tiempo y sus cuestiones intrínsecas es saludable. El presente texto toma los libros escritos por periodistas como lugar de escape para ejercitar dicha comprensión. La perspectiva más amplia es la de tensionar la relación de la narrativa mediática con las cuestiones de lo contemporáneo en un intervalo conceptual. Aquí, nuestro recorte considera el trabajo de la periodista y escritora portuguesa Alexandra Lucas Coelho en tres de sus obras, *Cuaderno Afegano* (2009), *Viva México* (2013) y *Tahrir: los días de revolución en Egipto* (2011), explorando lo que nos dicen sobre el periodismo y sus procesos de apuración y escritura del tiempo y del Otro.

Palabras clave: Narrativa. Libros de reporteros. Prácticas periodísticas. Alexandra Lucas Coelho.

THE JOURNALIST AND THE OTHER: On the vestiges of investigation and writing

ABSTRACT - Understanding and writing journalistic narratives as developments in a unique relationship with time itself as well as questioning issues intrinsic to the profession is healthy. The current research examines books written by journalists as a space to pursue such understanding. More broadly, we aim to stress the relationship between media narratives with contemporary issues in a lapsed conceptual space. Thus, our examination takes into consideration three works by Portuguese journalist and writer Alexandra Lucas Coelho: *Afghan Notebook* (2009), *Viva Mexico* (2013) and *Tahrir! The Days of the Revolution* (2011), exploring what they tell us about Journalism and its processes of writing and investigating the concepts of time and of the Other.

Key words: Narrative. Books written by reporters. Journalistic practices. Alexandra Lucas Coelho.

1 OUTRAS PALAVRAS OUTRAS

Não sei o que seja a nossa gente, mas a minha gente inclui brasileiros, palestinos, israelitas, afegãos, mexicanos, açorianos ou transmontanos, e é com todos eles que escrevo, seja de onde for. (COELHO, 2014, s/p).

As travessias que caracterizam o fazer do repórter e possibilitam que algo seja dito sobre o tempo e o espaço tomam forma pelo apoio em vestígios recolhidos pelo caminho, o que reacende, permanentemente, o desafio de pensar a escrita jornalística e as outras escrituras possíveis pela necessidade de dar conta do contemporâneo e das suas emergências. Reside aí significativa parcela do algo que “interessa”, na expressão de Bhabha (2002), ou seja, do movimento reflexivo em torno de uma ação mais respeitosa para com as coisas do mundo.

O narrar como ação convida a pensar de forma radical a inter-relação entre os sujeitos e a essência da comunicação. Assim, ao trilhar os caminhos do jornalismo, a tarefa “é encontrar uma forma de dar conta da comunicação que não apague o curioso fato da alteridade que está no seu centro, nem a possibilidade de fazer coisas com as palavras” (PETERS, 1999, p. 21).² A situação de interação e a consciência da percepção do Outro³ “cria um novo coletivo – na relação com o outro já não se trata de um e de outro, mas dos dois tomados em

conjunto” (FRANÇA, 2010, p. 46). Há, portanto, um elemento fundador inescapável: “a existência do olhar do outro, a imprevisibilidade da intervenção do outro e a possibilidade/necessidade dos sujeitos de se colocar no lugar do outro” (FRANÇA, 2010, p. 47).

No espaço teórico intervalar que tais proposições permitem, o intuito é trabalhar a relação do jornalismo com questões do contemporâneo. Para tal, tomamos como eixos conceituais o Outro, o tempo e a narrativa. Neste texto, o recorte considera o trabalho da jornalista e escritora portuguesa Alexandra Lucas Coelho em três produções recentes em livro - *Caderno Afegão* (2009), *Viva México* (2013) e *Tahrir: os dias de revolução no Egito* (2011) – explorando o que essas obras nos dizem sobre o jornalismo e seus processos.

“O jornalismo foi uma travessia que me permitiu fazer esta ponte entre a escrita e o mundo, que me permitiu viajar e ver o mundo. E aprender a ouvir as pessoas e aprender a olhar para as pessoas”, contou a jornalista em entrevista (COELHO, 2012, p. 158). Foi a vontade de escrita, alimentada pela leitura, bem como o desejo de trilhar o mundo que a levaram ao jornalismo periódico. Na época, em 2011, refletiu ela, seu movimento era tomar de volta o caminho dos livros como espaço de produção, já que neles seria possível dar conta, com mais amplitude, das complexidades do nosso tempo. Pistas como essas podem alimentar a “fundação de possíveis edifícios outros” (BHABHA, 2002) para tensionar o jornalismo como objeto.

2 ESCRITA E MUNDO

“A raça humana é / uma semana / do trabalho de deus”. A canção de Gilberto Gil marca o final de *Caderno Afegão* (2010), relato da viagem de Alexandra Lucas Coelho ao Afeganistão, em 2008, como enviada especial do jornal português *Público* e da rádio RDP, – *Antena 1* – e publicado inicialmente em 2009. Às imagens da capital Cabul, já no voo de retorno, se mesclam aos versos do cantor brasileiro e dão os últimos acordes de um movimento da jornalista por narrar de forma privilegiada a vida civil que resistia aos anos de conflito.

Já em *Viva México* (2013), originalmente publicado em 2010, Coelho vai ao sul da América do Norte ouvir histórias que transcendem às contadas pelos guias oficiais. O tempo que ela registra na empreitada é fruto da experiência do que viria ser, para ela, o tempo mexicano, um cruzamento da chegada dos conquistadores,

da violência, da *fiesta*, do movimento humano gravado nas pedras das catedrais e praças, da fala anônima, um presente-passado a girar. “Não sei nada sobre o México e tenho uma mochila” (COELHO, 2013, p. 19), conta ao abrir o livro. “Não sei nada sobre o México *ahorita* [...], mas tenho alguns amuletos (COELHO, 2013, p. 22), completa após o primeiro dia. É um lugar em que tudo coexiste, registra a jornalista, onde o próprio corpo faz parte daquela amálgama.

Alexandra define seu gesto de narrar pela força do encontro e da voz que encontra lugar, localizando o potencial da narrativa jornalística que se abastece e se deixa afetar pela presença do Outro:

Aquela pessoa tem uma história. Então, este é um sentido político, se quisermos ter um sentido político, que é que não existe eu e o outro, não existimos nós e eles, porque cada pessoa é cada pessoa. É ela. E acho que se percebe isso no movimento de ir ao mundo e voltar. É perceber isso, é perceber como, em cada um, existe uma história inteiramente digna e profunda e com lições e com reações e com medos e com afeto. [...] o jornalismo tende a perpetuar umas ficções, uns borrões da realidade que não são o real; e a tentativa que o jornalismo deveria ainda praticar [...] é de justamente, tocar esse real que fica escondido e que fica oculto nesse borrão em que as pessoas não se destacam. Em que as pessoas ficam na massa, uma espécie de argamassa, em que são todas iguais, ou então são simplesmente uns, umas generalizações, ou muçulmanos ou os judeus, os favelados. O que me interessa é recortar cada fragmento dessa imagem e, com uma espécie de lupa, olhar para ela, com uma noção do seu contexto, mas tendo a noção de que ela é absolutamente singular. E isto é político. Ao dar dignidade a cada pessoa, independente do seu contexto, temos que estabilizar um valor inteiro, e isso é político. Isso retira da ficção, do borrão (COELHO, 2012, p. 160-161).

A reflexão registrada nesse trecho se dá alguns meses depois da experiência de fevereiro de 2011, ainda incumbida da apresentação ao público do livro *Viva México*. É quando a jornalista pede férias do jornal *Público* e vai ao Cairo misturar-se ao movimento popular que emergiu no princípio daquele ano, tendo uma praça como lugar, experiência que resultou em *Tahrir: os dias de revolução no Egito* (COELHO, 2011). Segundo ela, a cobertura jornalística dá lugar a um relato diário dos dias antes, durante e depois da queda de Hosni Mubarak, na comunhão da praça, das barracas, do sinal de internet emprestado, da resistência e do triunfo humano, em uma narrativa que quer captar o efeito político e ético da “insatisfação”. Alexandra esteve na Praça Tahir entre cinco e 14 de fevereiro de 2011.⁴ Apesar da ressalva da autora de que não se trata exatamente de uma cobertura jornalística, parte do texto, antes do livro, foi publicada pela revista alemã *Lettre International*. Nos dias no Cairo, a rede *Facebook* foi o canal usado pela portuguesa para compartilhar imagens e comentários.

3 DOS LIVROS

Ao tomarmos os livros escritos por jornalistas como lugar para a observação e análise da relação entre a narrativa, o tempo e o espaço do qual se ocupa, partimos da noção de “livros de repórter”⁵, proposta por Marocco (2001) a partir de dois conceitos foucaultianos: prática e comentário. Em Foucault (2005, p. 136), o conceito de prática liga-se aos espaços institucionais, como as prisões e hospitais, e às práticas discursivas que deles se originam, possibilitando discutir dimensões de exterioridade, regularidades que organizam o fazer, sistemas de ação. Aqui, interessam-nos as redações jornalísticas. “La racionalidad de una práctica es el conjunto *abierto* de acontecimientos históricos múltiples – conjunto en que se anudan formas de pensar y formas de hacer – que la hacen aceptable o evidente en un momento dado, es decir, que la hacen existir históricamente” (DE LA HIGUERA, 2013, p. XVI-XVII [grifo no original]). Junto está a noção de comentário, “a forma da *repetição* e do *mesmo*” (FOUCAULT, 2006, p. 29), que o francês localiza em textos religiosos e jurídicos; algo que Marocco (2008, 2011) desloca para os textos fundantes do jornalismo, os manuais que moldam o fazer, as normas do trabalho.

Objetivados como prática e comentário, os “livros de repórter” permitem acessar o saber jornalístico, por uma parte; condições de possibilidade, relações entre domínios do saber, por outra. Importante considerar que a mediação exercida pelo Jornalismo lhe permite produzir um determinado saber. Segundo Castro (2009, p. 394), “Foucault entende por saber as delimitações das relações entre: 1) aquilo que se pode falar em uma prática discursiva (o domínio dos objetos); 2) o espaço em que o sujeito pode situar-se para falar dos objetos (posições subjetivas); 3) o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados, em que os conceitos aparecem, são definidos, aplicam-se e se transformam; 4) as possibilidade de utilização e de apropriação dos discursos”. O termo saber, assim como poder, não tem outro papel que o metodológico para evitar jogar com a perspectiva de legitimação como fazem os termos conhecimento e dominação.

Saber aponta para regras normativas que são aceitáveis num momento dado e em um domínio preciso; integrando relações de poder que recobrem toda uma série de mecanismos particulares, definíveis e definidos, efetuadas por meio do discurso, dos valores que preceituam normas de conduta. Não há saber sem poder.

O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer esse poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. [...] O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu. (FOUCAULT, 2004, p. 183-184).

É interessante contrapor essa perspectiva com o esforço que o próprio Foucault faz para que o jornalismo se desloque de seu lugar hegemônico e possa abarcar o presente por outra lógica. No artigo *As reportagens de ideias*, publicado originalmente em novembro de 1978 no jornal italiano *Corriere della Sera*, Foucault (2008, p. 50) afirma que “é preciso assistir ao nascimento das ideias e à explosão da força delas [...] dentro dos acontecimentos nos quais elas manifestam sua força, nas lutas que se travam pelas ideias, contra ou com elas”. Aponta, conforme Marocco (2008), para dois movimentos: (a) uma modificação na concepção de fonte jornalística e no trabalho a ela dispensado, e (b) uma crítica à ordem hegemônica; conseqüentemente, ao saber e ao conjunto de práticas jornalísticas que, em seu interior, se impõem. Assegura que, no mundo contemporâneo, fervilham ideias “em escala mundial e entre as minorias ou entre os povos que a História até hoje não deixou falar nem se fazer escutar” (FOUCAULT, 2008, p. 50). Para tanto, experimentou um movimento em que jornalistas e intelectuais, juntos, trabalharam na confluência de acontecimentos e ideias. Experimentou narrar.

Aqui, os livros escritos pela jornalista Alexandra Lucas Coelho são debatidos a partir do duplo deslocamento em relação ao jornalismo proposto por Foucault (2008). Se o jornalismo assume, com todos os seus riscos, um compromisso inescapável com o tempo, pensar o fazer e o narrar que tomam forma nos espaços midiáticos como empreendimento em singular relação com o próprio tempo e as questões intrínsecas a ele é salutar. A herança foucaultiana pode falar mais uma vez, no sentido de que se faça trabalhar a narrativa pela força de uma produção heterotópica, em busca dos possíveis fragmentários, alimentando lugares e espaços inerentes a uma outra escrita jornalística, o que completa um círculo de entendimento sobre os livros de repórter. Eles poderiam ser tomados como “outros espaços” (FOUCAULT, 2009), lugares de fuga que permitiriam alargar a compreensão sobre discursos e sujeitos. Por heterotopia, Foucault designa um “espaço possível”, a coexistência de um “grande número

de mundos possíveis fragmentários”, ou simplesmente espaços incomensuráveis que são justapostos ou superpostos.

Para Harvey (1996), a heterotopia é a imagem apropriada para capturar o que a ficção, em geral, esforça-se por descrever. E na esteira da narrativa, o encontro da ficção e do jornalismo é, justamente, um dos pontos mais explorados no estudo dos livros escritos por jornalistas.⁶ À luz das proposições de Ricoeur (2010a; 2010b), com o deslocamento de suas construções para a comunicação, podemos dizer que o jornalismo se entrelaça e ganha forma pela herança e reconfiguração de aspectos das narrativas histórica e ficcional que, por sua vez, bebem uma na outra, exatamente naquilo que o pensador nomeia como o campo mais largo do discurso narrativo.

4. NARRAR E FAZER

No âmbito da experiência partilhada, a narrativa sonda, de forma intermitente, o tempo e o espaço, alimentando a produção de novos sentidos no círculo hermenêutico que dá base para a ação dos sujeitos. Tomar o contemporâneo como horizonte significa que o jornalismo pode distender o presente em todos os seus tempos e relacionar-se com outras questões, uma vez que o ato de narrar se articula na relação entre o tempo do mundo e o tempo vivido (RICOEUR, 2010b). Assim como outras modalidades de dizer, o jornalismo também consegue transpor esse tempo por conexões específicas que o tornam maleável.⁷ A narrativa é a possibilidade do discurso estendido sobre a ação, permitindo falar de coisas que acontecem não apenas no tempo, mas também ao longo do tempo, incluindo causas e consequências, mesmo que distantes cronologicamente. Ela é, desse modo, o grande comutador de sentido que opera em todos os níveis da realidade.

As ações narrativas, como os eventos narrativos, transcendem o fato de que alguma coisa acontece: tratam de algo que é feito de coisas que acontecem e que têm consequências para a história contada. Para Pellauer (2013, p. 77), “é o fato de que as ações narradas criam uma diferença, trazem alguma mudança à história sendo contada que sugere pensarmos nelas como um ponto em uma sequência”. Essa dimensão da narrativa no universo da comunicação requer profundidade e empatia com a alteridade, afirma Petters (1999), solicitando entender até que ponto estamos prontos para encarar o humano inevitavelmente como o que é diferente.

É por isso que a dimensão da alteridade continuamente se

apresenta como tema crucial para o jornalismo. Como relembra Marcos (2007), a comunicação humana nunca deixará de ser fato tensional. Sua questão será sempre o Outro, um inquieto que convida ao fim da distância ao mesmo tempo em que se constitui como limite à aproximação.

À luz deste desafio, o narrar deve ser tomado pela sua possibilidade de ruptura do mesmo, quando interrompe o que estava, quando “abre a possibilidade do possível” (MARCOS, 2007). O Outro permanece no horizonte como o que não é absolutamente transparente, infinitamente *Outro*; sondar, narrar e reconhecer, no entanto, são gestos inerentes e ininterruptos no cotejamento da distância, permitindo que os quadros de referência se abram. A reciprocidade do reconhecimento entre os sujeitos é a exigência ética mais profunda, ou o que resta a ser pensado, resignificando uma proposição de Bhabha (2002, p. 21), num “desejo repetido de nos reconhecermos duplamente como descentrados dos processos solidários e como agentes de mudança conscientemente comprometidos”, o que certamente interroga nossos objetos de outro modo.

No jornalismo, a presença do Outro requer habilidade, como quando é necessário dosar a curiosidade e a necessidade de perguntar com o risco a que se pode expor a fonte, o que vemos representado por alguns dos sujeitos que a jornalista encontra. É o caso, por exemplo, da troca dos nomes de médicas e parteiras afegãs como forma de proteger suas identidades. Ou neste, também em *Caderno Afegão*: “No meio destas 20 camas de um hospital do governo não há condições para lhe perguntar, através de tradutor, se a sua aldeia apoia os *taliban* e qual é a sua própria posição” (COELHO, 2010, p. 198). Em *Viva México*, são os imigrantes e refugiados reunidos na cidade de Ixtepec, vindos da Guatemala, Belize, Honduras e El Salvador, que sintetizam o rosto do Outro quando a jornalista é a eles apresentada:

“Hoje tempos aqui uma pessoa que tem algo em comum conosco: é a primeira vez que está no México”. Apresentam-me. “Quantas pessoas aqui estão pela primeira vez no México?”. Praticamente todos levantam a mão. “Então, já são companheiros em algo”.

Alejandro Solalinde sabe que todas as estas pessoas terão razões para não confiar em ninguém. Explicar-lhes que é a estranha que toma notas é uma forma de respeito. [...] E assim a estranha pode ficar invisível.

Não seremos companheiros, mas já estivemos mais longe. Volto as costas, porque me caem lágrimas pela cara. (COELHO, 2013, p. 283).

Em *Tahrir*, a sensibilidade de captar o que está para além das palavras aflora, e o encontro com as fontes rompe com uma lógica de

coleta de dados. O mais importante requer tempo, não se traduz em números, como no diálogo com o manifestante Mahmud, de 24 anos:

Pausa. Está a fazer um esforço para não se emocionar. É a falta de sono, o alerta constante, a adrenalina de mudar o próprio destino, de subitamente ser soberano.

“Ficaremos aqui até à morte. Estou falando a sério.”

Mal diz isto fica com os olhos cheios de lágrimas, mas continua a olhar em frente, como um jovem soldado apertando os músculos do rosto. E as lágrimas a caírem, sem uma palavra. (COELHO, 2011, p. 21).

Os relatos emergem por uma capacidade de percepção que tira força dos personagens que encontra, mas não nega a eles dividir o protagonismo na estruturação do que contar: “Revolução também é isso: o rosto do Novo Oriente Médio ser Gigi, Medo, Obada, Khaled. O Ocidente descobrindo que pode ser o Outro. Mais, que gostava de ser o Outro (COELHO, 2011, p. 76-77)”, afirma. Também é presente em seu trabalho, reiteradas vezes, o olhar para o jornalista enquanto Outro; recortes que vão revelando não só maneiras de construção do trabalho, mas uma busca pela ampliação de suas redes informativas e pela diversidade de relatos que possam compor a experiência de reportagem:

Perto das 6h, aparece um jornalista da TV Índia. “Isto não é espantoso?”, diz, naquele inglês que só se fala na Índia. Mas eu sou a única que lhe dou réplica. Do ponto de vista destes jovens, a Índia não é a Turquia nem o Brasil, e nem sequer tem um Cristiano Ronaldo. Sobretudo, tem estado do lado errado, politicamente. (COELHO, 2011, p. 60).

Eu fiz contacto para um *embedding* em Kandahar, quero ver o que as tropas fazem, mas também quero fazer uma viagem a Kandahar para estar entre os afegãos. Imagino que Jean [McKenzie] tenha contatos. (COELHO, 2010, p. 61).

Se às redacções do mundo estão a chegar *takes* da Associated Press com as últimas notícias de Kandahar, foi Nur Khan quem os mandou. Recomendaram-no como o melhor jornalista da região. Pago-lhe 200 dólares por cinco horas de guia-intérprete a partir de agora. Não tenho medo, estou tranquila. (COELHO, 2010, p. 221).

Os dois irmãos [Yaqub Ibrahim, 27 anos, e Sayed Parwez Kambakhsh, 23 anos, o afegão condenado à morte], ambos jornalistas, escreveram artigos que não terão caído bem entre grupos de poder local [...]. Crê que a verdadeira causa é política, e que foram sobretudo os seus textos que levaram o irmão a ser preso. Já fora ameaçado antes. (COELHO, 2010, p. 280).

Expressa-se com grande autoconfiança Yaqub [Ibrahim]. Não será possível aos jornalistas afegãos sobreviverem de outra maneira. Vários foram ameaçados, despedidos e mesmo mortos. (COELHO, 2010, p.284).

Nos dias anteriores à minha chegada foi pior. Muitos dos jornalistas estrangeiros que tentavam entrar na praça Tahrir tornaram-se pressas de caça. A ofensiva do regime incluiu

apelos sangüinários nos meios de comunicação, destruição de equipamentos, detenções e agressões.
Um jornalista egípcio foi morto. (COELHO, 2011, p. 17).

Ao configurar o acontecimento em sentido, à luz de uma tríplice mimese (RICOEUR 2010a; 2010b), a narrativa instaura a relação entre o mundo do autor, do texto e do leitor (RESENDE, 2009). E na singularidade que permeia o narrar jornalístico, essas conexões mais amplas com o particular e com o universal (CARVALHO, 2012) surgem como potencializadores da mediação.

Ao dizer que o “passado não tem preço, o presente está em saldo” (COELHO, 2013, p. 29), quando se refere ao México, a jornalista portuguesa sublinha que o choque entre o velho e o novo mundo serão marcas da narrativa que apresenta. Suas experiências anteriores, igualmente, aparecem nos livros, a somar força para que contextos diversos se completem para o leitor e pontos entre diferentes espaços e tempos possam ser ligados. Sua viagem a Gaza, por exemplo, narrada em *Oriente Próximo*, de 2007, permite conexões com vivências no Egito de 2011:

As Pirâmides estão fechadas e os camelos bocejam. Conseguem imaginar um milhão de turistas fugindo? Foi o que aconteceu no Egito.

Mas e este homem com sua câmera digital entre as grades do portão, a ver se as duas Pirâmides maiores cabem no enquadramento?

[...]

“Estamos há 16 dias no Egito. Íamos ficar apenas duas semanas, mas com esta situação não sabemos quando voltaremos ao meu país.”

Que, na verdade, não é um país.

“Vimos da Palestina. De Gaza.”

Talvez só mesmo alguém de Gaza possa tirar fotografias das Pirâmides em pleno estado de emergência, pois o que é um estado de emergência para quem só conhece o estado de emergência? (COELHO, 2011, p. 41-42).

Nos livros, encontramos exemplos de um trabalho interpretativo, de mediação, que faz um cotejamento entre o particular e o universal, reiterando as singularidades da escuta que a jornalista portuguesa promove. Em diversos momentos, as percepções são por ela amarradas, talvez, na tentativa de captar reflexos do presente que irrompe:

E tudo aqui é tão menos assustador por ser a vida de todos os dias. Cabul parece perigoso visto da Europa, depois Kandahar parece perigoso visto de Cabul, depois Arghandab parece perigoso visto de Kandahar. E no fim de tudo há sempre homens que vendem bebidas de lata ou têm pomares, homens e crianças descalças a tentarem viver num país sacudido por 30 anos de guerra fria e quente. (COELHO, 2010, p. 225).

À Al Qaeda interessa dividir. O que vejo na praça Tahrir, desde o primeiro momento, é o contrário: jovens mas também os pais deles, e os avós; muçulmanos mas também cristãos; religiosos e laicos; pobres e ricos; analfabetos e intelectuais; homens e mulheres. Pensando bem, creio que nunca via uma praça que fosse tanto um microcosmo humano. E isso tem lugar exatamente aqui, na capital de um mundo que desde o 11 de Setembro é visto como inimigo da civilização. (COELHO, 2011, p. 20).

Claro, o mundo inteiro viu a praça [Tahrir] na televisão. Mas agora pensem em meio milhão de pessoas querendo ser um milhão, e no som disso à nossa volta. A praça é um cânone de canções e *slogans*, gritos e discursos, apelos e anúncios, constantemente entrelaçados. (COELHO, 2011, p. 24).

E quando enfim chegamos à praça [Tlatelolco, no México], o extraordinário é que vemos as três culturas juntas e cada uma delas parece não ver as outras: o recinto relvado cheio de templos aztecas, um pouco abaixo do chão; a igreja colonial ao fundo, como se tivesse acabado de cair do céu; a enorme praça ao lado, entre edifícios contemporâneos.

Três imagens no mesmo espaço, mas não no mesmo tempo. No tempo europeu as construções vão-se somando, no tempo mexicano parecem existir em paralelo. Não há sequência, há simultaneidade. Somos nós a ligação entre elas. (COELHO, 2013, p. 92).

O olhar da jornalista para os lugares e seus sujeitos é construído para além dos procedimentos da entrevista. Alexandra preserva como fontes de pesquisa material ficcional e não ficcional sobre lugares que visita. É assim que vão despontando em seus relatos trechos, ideias e referências a poetas, romancistas, historiadores e jornalistas. Os livros não são apenas um modo de preparação para o trabalho, mas participam de todo processo, revelando traços do seu método de sondagem da realidade:

Então, a segunda vez que aterrei no Cairo foi em novembro de 2002, com a mesma mala cheia de Durrell, Kavafis, Forster, Plutarco. (COELHO, 2011, p. 14).

Reconheço nomes [de lugares] dos livros de viagens. (COELHO, 2010, p. 21).

Escreveu Ibn Nattuta, viajante dos viajantes, lá no século XIV. (COELHO, 2011, p. 13).

Leio *The Mirage of Peace*, o livro de Jolyon Leslie e Chris Johnson, o capítulo em que eles descrevem o impacto da globalização na cultura afegã: TV, pornografia, música *pop*, numa nação que assenta na família e assentava na rádio para saber do mundo exterior. (COELHO, 2010, p. 277-278).

Leonardo lembra um livro de Paz que justamente tenho comigo porque faz parte da edição alargada de *El Laberinto de la Soledad* que em Lisboa meti na mochila (COELHO, 2013, p. 37).

Leio o livro de Glória Muñoz sobre os zapatistas enquanto o ecrã passa desenhos animados de abelhas, naturalmente dobradas em espanhol. (COELHO, 2013, p. 263).

Octavio Paz descreve os mexicanos como o mais solitário dos povos, perpetuamente incapaz de transpor e ser transposto. Por isso, e por tudo e por nada, existe a *fiesta*. É uma necessidade orgânica, a descarga. (COELHO, 2013, p. 363).

Os apontamentos sobre o trabalho de Alexandra Lucas Coelho permitem visualizar o espaço de entremeio que caracteriza o jornalismo e nos remete a outras possibilidades narrativas, algo que, justamente, se materializa pela estreita relação do jornalismo com a história e a ficção, temas bastante debatidos na literatura da área da comunicação.⁸ Ao mesmo tempo, um retrabalho da crítica de Benjamin (1994) sobre a perda da narrativa tradicional em detrimento do discurso informativo pode ser alimentado por uma escuta aproximada daquelas construídas a partir dos restos e das sobras. Para Gagnebin (2013), os “cacos” e as “migalhas” como objeto de interesse são a representação da força da narrativa vinda dos vestígios. A despeito de grandes discursos, as pequenas coisas são potência para a narrativa, algo que os livros escritos por jornalistas, pelo seu duplo movimento e suas características, podem dar a ver.

Em *Viva México* (2013), Coelho traz o tempo como possibilidade de compreensão de um México que ela não encontra na abordagem cotidiana do jornalismo, tampouco nos guias oficiais. É um cruzamento da chegada dos conquistadores, da violência, da *fiesta*, do ritmo das praças, da fala anônima das ruas:

E quando enfim chegamos à praça, o extraordinário é que vemos as três culturas juntas e cada uma delas parece não ver as outras: o recinto relvado cheio de templos aztecas, um pouco abaixo do chão; a igreja colonial ao fundo, como se tivesse acabado de cair do céu; a enorme praça ao lado, entre edifícios contemporâneos. Três imagens no mesmo espaço, mas não no mesmo tempo. No tempo europeu, as construções vão-se somando, no tempo mexicano parecem existir em paralelo. Não há sequência, há simultaneidade. Como nós a ligação entre elas. Octavio Paz chamou-lhes “três desmesuras numa desolação urbana”. (COELHO, 2013, p. 92).

Ao fechar o relato da experiência em diferentes regiões mexicanas, reflete: “A Europa está morta, e eu sou europeia [...]”. O México dá vontade de chorar, um choro de séculos em que não percebemos porque choramos, se somos nós que choramos, se não seremos nós já eles” (COELHO, 2013, p. 363). E termina: “Este Novo Mundo começa no extermínio, e isso há-de significar qualquer coisa. No tempo indígena, significa que o extermínio faz parte do presente” (COELHO, 2013, p. 363).

A obra é mais um passo na consolidação do lugar que ela construirá para a escrita que propõe e, em especial, dará mais força ao livro como

espaço para se tornar sujeito do próprio trabalho. No fazer de Alexandra Lucas Coelho emergem, em diferentes matizes, os movimentos de resistência do/no jornalismo. Seu movimento se dá, muito especialmente, nos deslocamentos da escrita do espaço periódico para outros, nos quais a alteridade seja elemento inescapável. Outras das produções recentes da jornalista portuguesa em livro, tais como *Caderno Afegão* (2009) e *Tahrir: os dias de revolução no Egito* (2011), igualmente nos permitem compreender mais das travessias do sujeito jornalista e sua escrita para produção da diferença. Isso se traduz também em aspectos como sua desvinculação de instituições jornalísticas de grande porte, por exemplo.⁹

No embate de ideias que promove, não é negligenciado ao leitor conhecer o peso de suas escolhas, seu modo de ver o jornalismo e de demarcar os rostos que têm apelo na sua busca. “Raramente há algo sobre o México nos jornais portugueses além de relatos das agências sobre narcotráfico” (COELHO, 2013, p. 19), diz ao voar para a América do Norte. O narcotráfico é presente no livro, mas na medida da sua presença no imaginário e no cotidiano da população, reflete.

Para Coelho (2012, p. 158), o ofício da reportagem permite a ela uma ponte entre a escrita e o mundo. Depois de anos de exercício do jornalismo diário, seus passos decidiram retornar aos livros, mas agora como principal espaço de sua produção. Trata-se de um gesto bastante relevante e revelador, pois os livros foram, durante toda sua vida, uma das vias primordiais de formação, uma forma eficaz de conhecer o mundo antes de viajar por ele (COELHO, 2012).

Assumindo o jornalismo e a escrita dessa forma, as singularidades da escuta do mundo que a jornalista portuguesa produz são reflexo de uma subjetividade que não é mascarada, como em alguns espaços da prática jornalística hegemônica:

Isso significa lutar para imprimir o produto das invenções subjetivas no cotidiano das relações sociais. E, para isso, cabenos a difícil tarefa de acolher a diferença como parte integrante da vida. Diferença a partir da qual o outro, em seus movimentos de diferenciação complexa e na sua dimensão mais viva, possa existir sem ser reduzido a um cumpridor de novas normas universalizadas (MANSANO, 2009, p. 116).

Vista desse modo, a produção em livro de Alexandra Lucas Coelho conforma circuitos em direção a uma experiência partilhada, inclusive de resistência. O esforço de reconhecimento do presente, desdobrando-o pelos rastros dos sujeitos, é elemento que cresce nas fronteiras da prática e se reitera pela crítica à ordem social, incorporada como traço operativo do seu fazer jornalístico e em seu dizer.

5 O QUE RESTA

Nunca compre um Guia Routard do México no aeroporto Charles de Gaulle. Por exemplo, o que o Routard tem a dizer sobre Tlatelolco – a praça que se tornou a Tiananmen dos estudantes mexicanos – é que se formos contra-revolucionários é uma praça dispensável. Franceses, nada de pessoal me anima contra vós, mas Tlatelolco é dos lugares mais fascinantes da Cidade do México, sejamos revolucionários, contra-revolucionários ou trapezistas. (COELHO, 2013, p. 91).

Conferir aos acontecimentos seu caráter histórico e singular possibilita feri-los na temporalidade contingente do significante, afirma Bhabha (1998, 2002). Assim pode ser para o jornalismo. Ao narrar, temos a possibilidade de evitar que sujeitos e eventos sejam obliterados por uma “cadeia de acontecimentos” ou por uma ontologia sobredeterminante das “causas”, no verdadeiro testemunho do que “resta” para a história global, reitera o pensador.

Sendo a relação entre sujeitos problemática central da reflexão em Comunicação, o estatuto que impõe deve ser assumido sem receio. O Outro como compromisso primeiro e como perspectiva para a produção do conhecimento em jornalismo é, sem dúvida, marca do atual período histórico e dos objetos que o caracterizam, em especial na tentativa de debater distintos modos de pensar o jornalismo no contemporâneo.

Se consideradas as características dos livros de repórter, levando em conta os apontamentos aqui reunidos, podemos entender que os processos de sondagem e escrita do tempo e do Outro não deixam de ser objetivos num sentido prático do uso da linguagem, ou seja, o caráter de interesse jornalístico é mantido e reafirmado no trabalho detalhado que o livro permite. Ao mesmo tempo, o livro se reveste como “espaço outro” para a narrativa, pois é dado ao jornalista dizer explicitamente da sua presença, das suas escolhas e de seus caminhos no desvendamento dos acontecimentos.

À medida que seu papel de agente se sobressai, não é negado aos demais atores sociais que seu lugar também possa ser perspectivado, uma vez que o deslocamento do jornalismo periódico para o livro se dá sem os controles cotidianos do fazer jornalístico. Em uma outra espessura, o ritmo do livro permite um dizer mais panorâmico, mas também requer o exercício da síntese do acontecido. Essa recomposição, todavia, solicita um recolhimento de vestígios e dizeres, animado pela possibilidade de que relações mais ampliadas possam ser estabelecidas.

Notas

- 1 Versão revista de trabalho apresentado no 12º Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor.
- 2 The task is to find an account of communication that erases neither the curious fact of otherness at its core nor the possibility of doing things with words”. (PETERS, 1999, p. 21).
- 3 A expressão “Outro”, com inicial maiúscula, é utilizada na esteira das reflexões de Marcos (2008), ao argumentar que o direito de todo o ser humano é a possibilidade de ser reconhecido enquanto tal, na sua alteridade absoluta e radical. A pensadora tece a partir de Emmanuel Levinas as proposições em torno de um Outro como eixo fundamental de ação e reflexão; o sujeito descentra-se de si próprio, da sua mesmidade. Como relembra, as relações humanas mais valiosas são aquelas que interrompem alguma coisa, que não nos deixam indiferentes, mas que perturbam nossa identidade. Todavia, nas citações, mantivemos a grafia adotada pelos autores.
- 4 A primavera árabe no Egito se iniciou em 25 de janeiro de 2011; em primeiro de fevereiro, mais de um milhão de pessoas reuniram-se na Praça Tahir, no Cairo. Em 11 de fevereiro Mubarak renunciou ao cargo de president do país.
- 5 É usual que o estudo de livros escritos por jornalistas seja demarcado, de modo não consensual, pelas noções de livro-reportagem, romance reportagem, jornalismo literário, literatura de realidade, jornalismo narrativo, novo jornalismo e jornalismo gonzo. Aqui, todavia, os livros são tomados pelo conceito de “livro de repórter” (MAROCCO, 2011) justamente por transcenderem o caráter de uma reportagem ampliada. Para além dela, esses livros se ocupam criticamente do próprio jornalismo, conforme explicitado no artigo.
- 6 É ilustrativo o trabalho de Schneider (2013), que explora as “ficções sujas”, cotejando o romance-reportagem, o livro-reportagem e a combinação de técnicas de apuração jornalística e recursos estilísticos da literatura.
- 7 Ricoeur não discute mídia e jornalismo, trata-se de um olhar tentativo posterior da área de comunicação.
- 8 Ricoeur (2010c) encara o tempo como algo humano, fruto da ação e do sofrimento na história contada. No caso da disciplina história,

o tempo humano pode ser relacionado ao tempo histórico, que se coloca entre o tempo vivido e o tempo cósmico pela inscrição daquele neste. Já a ficção permite a percepção de como a narrativa reconfigura o tempo. A variedade narrativa do romance, por exemplo, amplia a esfera social na qual se desenrola a ação por dar atenção a pessoas comuns, com ênfase na complexidade social e psicológica, proporcionando um entendimento maior sobre o mundo.

- 9 Tal afirmação não invalida a possibilidade de que nos chamados espaços tradicionais o exercício do jornalismo possa se desenvolver nos termos do que aqui discutimos. É inegável, porém, que o livro apresenta-se como lugar privilegiado para tal.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura história da cultura. São Paulo, Brasiliense, 1994.

BHABHA, Homi. Democracia des-realizada. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 148, p. 67–80, jan./mar. 2002.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CARVALHO, Carlos A. Entendendo as narrativas jornalísticas a partir da tríplice mimese proposta por Paul Ricoeur. **Matrizes**, São Paulo, v. 6, n. 1-2, 2012. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/261>>. Acesso em: 5 jan. 2015.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**. Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COELHO, Alexandra Lucas. **Caderno Afegão**. Um diário de viagem. Lisboa: Tinta da China, 2009.

COELHO, Alexandra Lucas. Corta-e-cola até à derrota final. **Atlântico Sul**, blog. 2014. Disponível em: <<http://blogues.publico.pt/atlantico-sul/2014/07/27/corta-e-cola-ate-a-derrota-final>>. Acesso em: 5 jan. 2015.

COELHO, Alexandra Lucas. **Tarhir**: os dias da revolução no Egito. Rio de Janeiro: Língua geral, 2011.

COELHO, Alexandra Lucas. Uma ponte entre a escrita e o mundo (entrevista). In: MAROCCO, Beatriz. **O jornalista e a prática** – entrevistas. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2012, p. 157-179.

COELHO, Alexandra Lucas. **Viva México**. Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2013.

DE LA HIGUERA, JAVIER. Estudio Preliminar. In: FOUCAULT, Michel. **Sobre la ilustración**. 13. reimpr. Madrid: Tecnos, 2013. p. IX-LXVII.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 14. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

FOUCAULT, Michel. As reportagens de ideias. In: BERGER, C.; MAROCCO, B. **Ilha do Presídio**: uma reportagem de ideias. Porto Alegre: Libretos, 2008. pp-49-51.

FOUCAULT, Michel. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. (Ditos e Escritos, III).

FOUCAULT, Michel. Mesa redonda em 20 de maio de 1978. In: **Estratégia, Poder-saber**. Rio Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 335-351.

FRANCA, Vera. Impessoalidade da experiência e agenciamento dos sujeitos. In: LEAL, Bruno Souza; GUIMARÃES, César; MENDONÇA, Carlos (orgs.). **Entre o sensível e o comunicacional**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 39-54.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. 5 reimpr. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1996.

MANSANO, Sonia R. V. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. Revista de Psicologia da UNESP, v. 8, n. 2, 2009. p. 110-117. Disponível em: <<http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/139/172>>. Acesso em: 5 jan. 2015.

MARCOS, Maria Lucília. **Princípio da relação e paradigma comunicacional**. Lisboa: Colibri, 2007.

MAROCCO, Beatriz. Os “livros de repórter”, o “comentário” e as práticas jornalísticas. Revista Contracampo, Niterói, n. 22, fev. 2011, p. 116-129. (Programa de Pós-Graduação em Comunicação). Disponível em: <<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/86/67>>. Acesso em: 5 jan. 2015.

MAROCCO, Beatriz. Reportagem de transgressão, um giro no tratamento da fonte jornalística. In: BERGER, Christa.; MAROCCO, Beatriz. **Ilha do Presídio**: uma reportagem de ideias. Porto Alegre: Libretos, 2008. p- 33-47.

PELLAUER, David. Ações narradas como fundamento da identidade narrativa. In: NASCIMENTO, Fernando; SALLES, Walter (orgs.). **Paul**

Ricoeur: ética, identidade e reconhecimento. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2013. p. 57-79.

PETERS, John D. **Speaking in the air** – a history of the idea of communication. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.

RESENDE, Fernando. O jornalismo e suas narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades do encontro. **Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 31-43, dez. 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/2629>>. Acesso em: 5 jan. 2015.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 1. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010a. (A intriga e a narrativa histórica).

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. v. 3. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010b. (O tempo narrado).

SCHNEIDER, Sabrina. **Ficções sujas:** por uma poética do romance-reportagem. Tese. (Doutorado em Letras). Pontifícia universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

Reges Schwaab é jornalista e professor da Universidade Federal de Santa Maria – Campus Frederico Westphalen (UFSM). É doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: reges.ts@gmail.com.

Angela Zamin é jornalista e professora da Universidade Federal de Santa Maria – Campus Frederico Westphalen (UFSM). É doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: angelazamin@gmail.com.

RECEBIDO EM: 26/02/2015 | ACEITO EM: 15/04/2015